



ISABEL: Um Poema de João Lins Caldas

José Mariano Tavares Junior¹

ANTELÓQUIO: Dadas as especificidades do texto poético, muito se discute, sem jamais esgotar o debate, acerca das possibilidades e impossibilidades de se traduzir poesia, suas necessidades e armadilhas, o que se perde e o que se ganha ao longo do extenso, arriscado e volátil caminho que vai da ideia de fidelidade àquela de recriação (ou transcrição, como queria Haroldo de Campos). De origem latina, em seu conceito fundamental o termo “traduzir” (“tradução”, “tradutor”) carrega em si a ideia de “transferir”, “fazer passar”, “levar a um outro lugar”, “a um outro estado”. Dentro dessa perspectiva, enquanto experiência a um só tempo espiritual e formal, o poema seria, em princípio, um tipo de realização performática intraduzível. Por outro lado, como nos aponta o tradutor Ivan Junqueira, o texto poético guarda em si a contradição de ser “traduzível justamente por não sê-lo” (2012, p. 12), envolvendo uma operação que se dá mais por aproximação e condução espiritual do que por correspondência. O esforço tradutório a seguir, de transpor para a língua inglesa o poema *Isabel*, do poeta João Lins Caldas, é parte de um projeto maior (ainda em processo, sempre em progresso) que envolve, além do afeto por sua figura e presença, a tarefa de contribuir para a ampliação da visibilidade e da comunicação entre o poeta e outros possíveis leitores de sua obra, bem como dialogar com aqueles interessados na aventura sublime de se tentar evocar, em outra língua, o espírito daquilo que se intentou criar em outra.

FOREWORD: Given the specificities of the poetic text, much has been discussed, without ever exhausting the debate, about the possibilities and impossibilities of poetry translation, its needs and pitfalls, what may be lost and gained along the extensive, risky and volatile path which extends from the idea of fidelity to that of recreation (or transcreation, as thought by Haroldo de Campos). Of Latin origin, the term “translate” (“translation”, “translator”) carries within itself an idea of “transference”, “making it pass”, “taking it to another place”, “to another state”. From this perspective, as an experience that is both spiritual and formal, the poem would remain as a type of untranslatable performance. On the other hand, as translator Ivan Junqueira points out, the poetic text holds within itself the contradiction of being “translatable precisely because it is not translatable” (2012, p. 12), involving an operation that takes place mostly through approximation and spiritual guidance than by correspondence. The following translation effort, to transpose João Lins Caldas’s

¹ José Mariano Tavares Junior é mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professor adjunto de Literatura Inglesa, no Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Tradução	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4525
---	----------	----------------	----------------------------------

TAVARES JÚNIOR, José Mariano

poem *Isabel* into English, is part of a larger project (still in process, always in progress) that involves, in addition to an affection for his work and presence, the task to contribute to increasing the visibility and communication between his poetry and other possible readers, as well as interact with those interested in the sublime adventure of trying to evoke, in another language, the spirit of what one tried to release in another.

João Lins CALDAS²

Embora tendo raízes açuenses, João Lins Caldas nasceu em Goianinha no dia 1 de agosto de 1888. Faleceu em Açú, em 18 de maio de 1967. Na juventude, mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se funcionário público. De temperamento instável, embora tendo relacionamento com intelectuais importantes no Sul do país, onde morou, Caldas não chegou a publicar livros em vida. O antologista Rômulo Wanderley, assinalando-lhe esse aspecto da existência, menciona títulos de livros que permaneceriam inéditos como *Deus Tributário*; *Casa de Pássaros*; *Ego, Ego*, entre outros. Embora reverenciado por outros intelectuais da terra, entre os quais Esmeraldo Siqueira, deve-se a Celso da Silveira a iniciativa de publicar o primeiro volume, *Poética* (FJA, 1975).

Tal lacuna – a ausência, no cenário literário potiguar, de uma valiosa e extensa obra poética extraviada por entre as veias do isolamento do psíquico, social e literário do poeta – seria parcialmente coberta com a publicação inestimável do volume *Poeira do Céu e Outros poemas* (EDUFRN, 2009), organizado pela professora e pesquisadora Cássia de Fátima Matos dos Santos, fruto de longo e precioso estudo crítico e investigativo sobre a obra de Caldas.

² Nota biográfica parcialmente extraída do volume *Informação da Literatura Potiguar* (GURGEL, 2001, p. 195), adaptada e atualizada pelo tradutor.

<i>Isabel: Um poema de João Lins Caldas</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	87/107
---	------------------------	------	------	--------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Tradução	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4525
---	----------	----------------	----------------------------------

TAVARES JÚNIOR, José Mariano

ISABEL³

*Uma Isabel morreu no mundo.
Tinha pai e mãe, irmãos e sobrinhos, aquele mundo de primos no mundo.
Avós enterrados, bisavós trepidantes nos cernes duros de árvores agigantadas.
Ascendentes outros na nervura de asas e barbatanas de peixes.
Isabel hoje estava cansada.
Remontava das suas origens a dias muito anteriores aos dias de Tebas,
Viveu de fresco os poemas de Homero,
A guerra de Tróia,
O passado de Sócrates,
E, caída Cartago, soldados ruivos, assalariados, mortos.
Não soube nada de sua crônica.
Era uma mulher, vestida de saia, os cabelos compridos
E se alimentava de pão, rapadura e mel.
Isabel tinha linhas nas mãos,
Uma sorte que estava escrita, diferente sem dúvida das outras sortes.
O destino de Isabel, o destino da vida como dos outros que carregam a morte.
Eu nunca vi Isabel.*

³ (CALDAS, 2009, p. 339)

<i>Isabel: Um poema de João Lins Caldas</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	88/107
---	------------------------	------	------	--------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Tradução	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4525
---	----------	----------------	----------------------------------

TAVARES JÚNIOR, José Mariano

ISABEL

An Isabel died somewhere.

She had a father and a mother, brothers and nephews, a whole world of cousins in the
world.

Buried grandparents, trembling great-grandparents in the tough heartwoods of
gigantic trees.

Far off ancestors in the nervure of fish's wings and fins.

Isabel was weary today.

Her origins dated back to days far earlier than the days of Thebes,

She lived the freshness of Homer's poems,

The Trojan War,

Socrates's past,

And, upon fallen Carthage, dead, salaried, red-haired soldiers.

I knew nothing of her chronicle.

She was a woman, dressed in skirts, wore long hair

And fed on bread, panela and honey.

Isabel had lines in her hands,

A written fortune, inevitably unlike other fortunes.

Isabel's fate, the fate of life for those burdened with death.

I've never seen Isabel.

<i>Isabel: Um poema de João Lins Caldas</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	89/107
---	------------------------	------	------	--------



Revista de Ciências Humanas da FAFIC/UERN	Tradução	ISSN 2965.2677	DOI 10.59776/2965-2677.2022.4525
---	----------	----------------	----------------------------------

TAVARES JÚNIOR, José Mariano

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, João Lins (2009). *Poeira do Céu e Outros Poemas*. Natal: EDUFRN.

GURGEL, Tarcísio (2001). *Informação da Literatura Potiguar*. Natal: Argos.

JUNQUEIRA, Ivan (2012). *A Poesia é Traduzível?* Dossiê Tradução Literária v. 26 n. 76. Revista Estudos Avançados. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

<i>Isabel: Um poema de João Lins Caldas</i>	Mossoró/RN: FAFIC/UERN	Nº 6	2023	90/107
---	------------------------	------	------	--------